

Carta sobre Escrita – 25

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Qualquer africano que quer dedicar-se à escrita literária (ou outra) em língua portuguesa fica, desde logo, defrontado com um problema que o precede. A língua portuguesa é “uma” língua, mas não é una, não é uniforme, não é invariante. Sabemos que há uma “norma” portuguesa e outra brasileira do que é escrever “bem” em português. Então, como “deve” escrever um autor africano?

Creio que este problema, do ponto de vista de um autor africano, apresenta-se como um triângulo, ou seja, tem três ângulos. Alguns autores, sobretudo jovens, nunca se colocaram este problema, não pensaram sobre ele, não têm portanto nenhuma resposta refletida. Esta carta vem, por isso mesmo, colocar o problema em análise, ainda que sumária. Outros querem escrever segundo a norma portuguesa, querem escrever no português de Portugal. É legítimo. A sua caminhada pode definir-se em duas pistas gerais: estudar a gramática do português de Portugal e ler com olhar de escritor os bons autores portugueses, pois estes é que são os grandes mestres. (Há, é claro, a possibilidade de um autor africano escrever sob a norma brasileira, até porque alguns fizeram a sua formação académica no Brasil. Essa é uma variância do que acima fica exposto.)

Finalmente, outros jovens escritores querem contribuir para dar à língua portuguesa o sotaque africano, tal como o fizeram os brasileiros à nossa língua comum, mas não sabem bem como fazê-lo. É também uma opção legítima e o caminho, pelo menos de momento, só pode ser um: ler, com olho clínico de escritor, os bons autores africanos de língua portuguesa que têm essa opção como norma do seu trabalho. Para isso, há que olhar em volta e ver quais são eles. Para mim, saltam-me de imediato à mente dois: Mia Couto, de Moçambique, e Ondjaki, de Angola, qualquer deles com muito caminho já andado nesta direção. Mas há outros, certamente muitos outros, que vale a pena descobrir deste ponto de vista. Além disso, é ainda importante acompanhar e ativar o debate sobre este problema.

Uma língua, qualquer língua, é um organismo vivo: evolui no tempo e no espaço em resposta tanto às circunstâncias da vida concreta em que é usada como às influências que lhe chegam de fora. Uma das pistas de trabalho para um jovem autor que queira dar um tom africano à sua escrita é ouvir, com um ouvido muito atento, o uso oral da língua no meio em que vive. A língua vive talvez muito mais na oralidade quotidiana que na escrita impressa. Por isso, a atenção à oralidade, sempre recomendável, é-o também neste domínio. A língua da rua é um bom fertilizante da língua do escritório.

O que importa aqui frisar é que qualquer escritor está situado dentro deste problema, mesmo que queira não pode colocar-se de fora. Por isso, vale a pena assumi-lo de frente. E, mais uma vez, não devemos esquecer que escrever bem não é o mesmo que escrever mal. *Cuidado*, por isso, *com a leitura de escritos sem qualidade*. Dar à língua portuguesa um tom africano deve ser enriquecê-la, não deve ser empobrecê-la por falta de qualidade. Os dois escritores acima

referidos, e outros não referidos, não têm menos qualidade de escrita que os bons escritores portugueses ou brasileiros. Mas em qualquer país há supostos escritores sem boa competência na escrita – logo, não devem ser tomados como mestres. Por isso há que dizer igualmente: *Cuidado com a produção de escritos sem qualidade*. Sem qualidade, nenhum país tem boa literatura.

Janeiro de 2024

José A. Jana